

## **A INVASÃO DOS ESPAÇOS ESCOLARES PELA CULTURA DE RUA – O QUE O SARAU REALIZADO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO BAIRRO RESTINGA, EM PORTO ALEGRE, TEM A MOSTRAR**

Cristiane Silveira dos Santos<sup>1</sup>  
Carolina Chagas Schneider<sup>2</sup>

**Resumo:** O texto analisa as manifestações da chamada cultura de rua como forma de valorização da cultura afro-brasileira, resgate de ancestralidade, forma de protesto, valorização racial e justiça social através de um relato de prática do projeto denominado Sarau da Turma B21 realizado em uma escola pública de ensino fundamental do bairro Restinga, em Porto Alegre, que culminou com a apresentação aos professores desta escola pelos alunos da referida turma, no ano de 2016. O projeto aplicado em uma turma de 5º ano usou a interdisciplinaridade, trabalhando com poesia de Slam, Grafite e hip hop e valorizou o protagonismo dos alunos, estimulando as ideias e a organização individual e coletiva. Mas, o trabalho fala, principalmente no encantamento, no sonho vivido em sala de aula, na reflexão e na descoberta, nas possibilidades destes jovens. As reflexões e buscas históricas permearam o processo, trazendo a pesquisa de forma contundente para a sala de aula. Seus achados e criações foram registrados num vídeo da apresentação, cujo link será disponibilizado ao final do trabalho.

**Palavras-chave:** Sarau, Grafite, HipHop

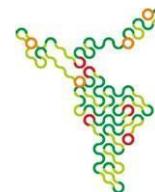
### **THE INVASION OF SCHOOL SPACES BY STREET CULTURE - WHAT SARAU HELD IN A PUBLIC SCHOOL IN BAIRRO RESTINGA, IN PORTO ALEGRE, HAS TO SHOW**

**Abstract:** The text analyzes the manifestations of the so-called street culture as a way of valorizing Afro-Brazilian culture, rescuing ancestry, form of protest, racial valorization and social justice through a report of the practice of the project denominated xxxxxx held in a school public school of Restinga district in Porto Alegre, which culminated in the presentation to the teachers of this school by the students of said class in the year 2016. The project applied in a class of 5th year used the interdisciplinarity, working with poetry recital, graphite and hip hop and valued the protagonism of the students, stimulating the ideas and the individual and collective organization. But, the work speaks, especially in the enchantment,

---

<sup>1</sup> Mestranda PPGE PUCRS, professora da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, Porto Alegre/RS, Brasil.

<sup>2</sup> Doutoranda PPGE PUCRS, professora da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, Porto Alegre/RS, Brasil.



in the dream lived in the classroom, in the reflection and the discovery, in the possibilities of these young people. The reflections and historical searches permeated the process, bringing research in a forceful way to the classroom. His findings and creations were recorded in a video of the presentation, whose link will be made available at the end of the work.

**Keywords:** Poetry Recital, Graphite, HipHop

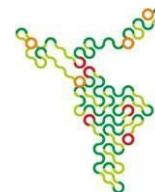
## 1 INTRODUÇÃO

Compreendemos que o que é inserido na escola busca ter caráter formativo e lembramos que, segundo as diretrizes curriculares vigentes, busca a formação de um sujeito reflexivo, de um cidadão consciente de seus direitos e deveres, capaz de desenvolver juízos críticos e de analisar aquilo que lhe é apresentado, de selecionar informações e compreendê-las nas suas mais diversas camadas de significação, de identificar dados e de estar apto a inserir-se no mercado de trabalho. Quando descobrimos na cultura das ruas, nas músicas e batalhas de poesias cantadas e faladas nas esquinas e nas mensagens, simbólicas ou diretas, pintadas nos muros da cidade, um viés altamente crítico e reflexivo, percebemos que aproximar estes saberes da escolarização formal pode se tornar uma ferramenta poderosa de aprendizagem.

Nem sempre é possível mensurar objetivamente ensino e aprendizagem, por vezes é necessário um certo distanciamento para melhor enxergar os movimentos do processo e distinguir o que seria apenas uma prática localizada de uma outra mais ampla e que poderia se tornar um conteúdo de uma disciplina. Sendo assim, este texto fala sobre de que forma a cultura de rua foi usada como uma ferramenta de ensino-aprendizagem, usando os saberes estudados e vivenciados na sala de aula, em um projeto que culminou com um sarau totalmente planejado pelos alunos e oferecido aos professores no ano de 2016.

### **Hip hop como instrumento pedagógico?**

Durante a aula, enquanto os alunos copiam um texto do quadro, a professora ouve uma voz baixa e cadenciada e percebe que seu aluno cantarola alguma coisa. Diante do olhar questionador este responde: “é Racionais Mc’s



professora”. Solicitado que cantasse em voz alta o que antes murmurava, demonstrou saber a letra completa de uma música complexa e longa. Logo outros cantavam junto e quando a música terminou, diante do encantamento da professora, iniciou-se uma espécie de batalha entre os alunos, comparando quantas e quais letras do Grupo sabiam, em seguida trazendo outros grupos e fazendo comparações críticas que analisavam letras e rimas.

Trabalhando em uma comunidade vulnerável da periferia da cidade de Porto Alegre, a professora percebeu neste acontecimento a oportunidade de aproximar a escolarização à realidade e ao conhecimento cultural trazido pelos alunos, tornando assim a aprendizagem mais significativa.

Procurei pensar as condições que julgo necessário para que a vida retorne à escola, para que a escola torne-se um lugar significativo para o aluno. Lembrando sempre que a criança e o adolescente não deixam de fazer coisas por serem difíceis, mas por não terem sentido. E o professor torna-se um bom educador, apreciado pelos alunos, na medida em que deixar de fazer coisas que para ele mesmo não têm sentido”. (BECKER, 2003, p.23):

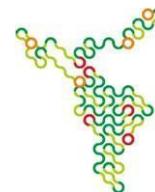
Aprofundando os estudos sobre hip hop e o grupo preferido dos alunos, descobriu que as letras refletiam uma realidade crítica, que discutia a violência a que estava exposta toda uma geração de jovens moradores da periferia, grande parte deles negros, assim como acontecia em seu bairro.

Em meados dos anos 1990 o movimento hip-hop atingiu o auge enquanto expressão do protesto juvenil. O símbolo dessa prática discursiva foi o lançamento do disco *Sobrevivendo no inferno* (Racionais MC's, 1997). A música se consolidou como um instrumento poderoso de questionamento da violência que atingia de forma mais incisiva os negros. O rap classificado por eles mesmos como “trilha sonora” do gueto colocou em cena o protesto juvenil sobre a violação aos direitos humanos em um momento crítico da vida cotidiana das classes populares. As vozes juvenis na periferia eclodiram contra o silêncio da sociedade.

Percebendo cada vez mais a atração dos alunos pela cultura de rua, a professora incorporou nas pesquisas propostas a prática de grafite e a poesia de Slam. Os alunos já conheciam as duas manifestações culturais, mas a proposta de uma pesquisa mais formal aguçou a curiosidade dos estudantes.

### **Slam é poesia professora?**

A professora trouxe para a sala de aula vídeos de poesia falada, cantada e encenada, mas foi quando trouxe um cantor famoso recitando, em forma de



poesia, a música Negro Drama (Racionais Mc's 2002) que os alunos demonstraram verdadeiro entusiasmo com o conteúdo. Perceberam assim, que o que faziam no recreio, nos corredores e nas ruas era poesia, tanto quanto os versos de Castro Alves, apresentados anteriormente.

Em seguida a professora trouxe as regras da poesia de Slam e alguns vídeos:

Dessa maneira, embora encontrem-se variações na forma em que os *slams* são realizados, na maior parte das comunidades existem três regras fundamentais que são mantidas: os poemas devem ser de autoria própria do poeta que vai apresentá-lo, deve ter no máximo três minutos e não devem ser utilizados figurinos, adereços, nem acompanhamento musical. (D'ALVA 2014:113).

Refletimos sobre as rodas de Slam e os alunos falaram sobre sua circularidade, um valor africano e indígena, que já havíamos trabalhado em sala de aula.

A circularidade, está intimamente relacionada a essa visão comunitária de vida. Enquanto o comunitarismo valoriza a vivência coletiva, visando ao bem-estar de todos e de cada um, a circularidade propõe a horizontalidade nas relações humanas, a ciranda dos saberes.” DE CARVALHO ROCHA, 2011, p. 4)

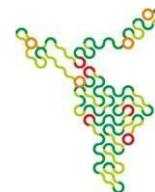
Alguns alunos lembraram que a cultura de rua e o hip hop estavam diretamente ligados a negritude, uma vez que os artistas mais conhecidos nesta modalidade de “arte periférica” eram negros. Tal constatação trouxe euforia em uma sala de aula de maioria negra, uma vez que o bairro Restinga é o segundo bairro em população negra na cidade de Porto Alegre (IBGE, 2010).

Importante ressaltar que o trabalho estava sendo realizado com uma turma de 5º ano, cuja fluência escrita e verbal ainda é limitada ao seu nível de escolarização e buscamos romper o as diversas técnicas de pintura, desenho e escultura, e tinham as ruas como seu lugar de estudo”. (<http://www.osgemeos.com.br/pt/biografia>. 2018)

E ficaram ainda mais surpresos ficaram com sua fama internacional:

Realizaram inúmeras mostras individuais e coletivas em museus e galerias de diversos países, como Cuba, Chile, Estados Unidos, Itália, Espanha, Inglaterra, Alemanha, Lituânia e Japão. Para entender a obra de OSGEMEOS é necessário deixar que a razão de lugar ao imaginário – atravessar portas, se permitir perceber as sutilezas e embarcar numa experiência que excede a visual. Sentir, antes, para entender depois”. (<http://www.osgemeos.com.br/pt/biografia>. 2018)

Pesquisaram diversas formas de grafite, suas características e seus



autores. Estudaram as técnicas e descobriram, agradavelmente surpresos, que o Brasil é destaque internacional na arte do grafite.

O grafite é uma arte que surgiu como um movimento cultural das minorias e ganhou respeito pela estética diferenciada e por ser uma sofisticada arte urbana, que se desenvolve no espaço público das cidades de forma democrática. No Brasil, ele surgiu em São Paulo, no fim dos anos de 1970, e ganhou traços novos, que trouxeram reconhecimento e tornaram o estilo brasileiro um dos melhores do mundo. (<http://www.redebrasilatual.com.br>, 2018)

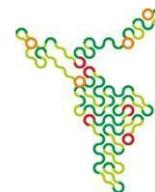
Em uma oficina para aprender a usar o software de vídeo Moviemaker, os alunos criaram um vídeo com os desenhos que mais gostaram. Além disto, produziram os próprios grafites, em folhas A4, criando suas mensagens, que mais uma vez foram distribuídas pela escola.

## **O Sarau**

Durante a execução de todo o projeto os alunos mostraram um grande protagonismo, criando e planejando com entusiasmo ímpar. Mas, é importante ressaltar que era uma turma bastante peculiar, com vários alunos de inclusão, com diagnósticos de deficiência intelectual, autismo e transtorno opositor desafiador. Mas, foi um aluno particularmente rebelde e com bastante dificuldade de aprendizagem e disciplina que trouxe a ideia de realizar um sarau. Todos concordaram, mas com a proposta da professora de realizar o sarau com o colega de outras turmas, a maioria se mostrou tímida, diante dos seus pares e propuseram que fosse realizado apenas para seus professores.

O aluno citado já havia trazido, e se mostrando orgulhoso, vários pratos como bolos e pizzas para as confraternizações da turma, que foram confeccionados por ele mesmo. Este foi encarregado então, da oficina de culinária e levou seus colegas para pesquisar na sala de informática, as receitas que seriam possíveis de ser realizadas na escola. A professora recolheu contribuições financeiras entre os “convidados” e a turma fez a lista de compras para que a esta providenciasse as compras.

Por perceber e gostar da aproximação da cultura de rua com a cultura afro-brasileira e compreender seus espaços de expressão como de maioria negra, os alunos planejaram realizar o evento dentro do Mês da Consciência Negra,



novembro, em um dia de reunião pedagógica na escola, depois que os alunos já houvessem sido dispensados, como um presente para seus professores.

O evento foi realizado na biblioteca, os alunos pretendiam misturar grafite e poesia e, diante da impossibilidade de usar as paredes do espaço escolhido, criaram e pintaram grandes painéis de papel pardos que foram colados nas paredes e nas estantes, no dia do evento. Alguns imitavam muros, tentando recriar os desenhos que encontraram na internet, outros traziam desenhos de protesto e um deles, numa referência séria e poética sobre a guerra do tráfico que viviam em seu dia a dia trazia os dizeres “E se traficarmos amor?”

Entre todas as músicas trabalhadas durante o projeto, os alunos escolheram O Homem que Não Tinha Nada do cantor Projota, com participação da cantora Negra Li. A letra trazia a discussão da violência das ruas, dos assaltos e do vício, que espelhavam a realidade vivida por muitos.

**O Homem Que Não Tinha Nada Projota (part. Negra Li)**

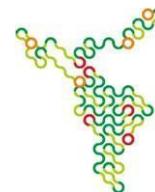
O homem que não tinha nada acordou bem cedo  
Com a luz do sol já que não tem despertador  
Ele não tinha nada, então também não tinha medo  
E foi pra luta como faz um bom trabalhador

O homem que não tinha nada enfrentou o trem lotado  
Às sete horas da manhã com sorriso no rosto  
Se despediu de sua mulher com um beijo molhado  
Pra provar do seu amor e pra marcar seu posto  
O homem que não tinha nada tinha de tudo Artrose, artrite, diabetes e o que mais tiver  
Mas tinha dentro da sua alma muito conteúdo  
E mesmo sem ter quase nada ele ainda tinha fé  
O homem que não tinha nada tinha um trabalho

Com um esfregão limpando aquele chão sem fim  
Mesmo que alguém sujasse de propósito o assoalho  
Ele sorria alegremente, e dizia assim  
O ser humano é falho, hoje mesmo eu falhei

Ninguém nasce sabendo, então me deixe tentar (me deixe tentar)  
O ser humano é falho, hoje mesmo eu falhei  
Ninguém nasce sabendo (ninguém), então me deixe tentar  
O homem que não tinha nada tinha Marizete Maria Flor,  
Marina, Mário, que era o seu menor Um tinha nove, uma doze, outra dezessete  
A de quarenta sempre foi o seu amor maior  
O homem que não tinha nada tinha um problema Um dia antes mesmo foi cortada a sua luz  
Subiu no poste experiente, fez o seu esquema Mas à noite reforçou o pedido pra Jesus

O homem que não tinha nada seguiu a sua trilha Mesmo caminho,  
mesmo horário, mas foi diferente Ligou pra casa pra dizer que amava sua família Achou que ali



já pressentia o que vinha na frente  
O homem que não tinha nada Encontrou outro homem que não tinha nada

Mas este tinha uma faca  
Queria o pouco que ele tinha, ou seja, nada Na paranoia, noia que não ganha te ataca  
O homem que não tinha nada  
agora já não tinha vida  
Deixou pra trás três filhos e sua mulher

O povo queimou pneu, fechou a avenida  
E escreveu no asfalto "saudade do Josué"  
O ser humano é falho, hoje mesmo eu falhei  
Ninguém nasce sabendo,  
então me deixe tentar (me deixe tentar)

O ser humano é falho, hoje mesmo eu falhei  
Ninguém nasce sabendo (ninguém), então me deixe tentar  
Então me deixe tentar Então me deixe tentar Então me deixe tentar

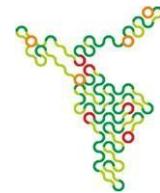
Observaram que a letra era muito significativa e para que os professores compreendessem melhor o que seria cantado, a letra impressa, decorada uma a uma pelos alunos, seria entregue como uma lembrança do evento, uma dedicatória aos mestres.

Alguns alunos escolheram apresentar poesias conhecidas e outros, obras autorais. O ensaio foi incessante, a produção incansável. Mas, o mais importante é ressaltar as discussões críticas realizadas em sala de aula, nos corredores, no recreio. Os temas variavam, mas acreditamos que o olhar crítico que os alunos adquiriram não pode ser mensurado.

Quando o grande dia finalmente chegou, a turma que continuava heterogênea, mas que havia adquirido a habilidade de organizar-se, respeitando as especificidades de cada um, produziu toda a comida servida e deixou a cozinha da escola totalmente organizada. Foram pizzas e bolos, canapés e pastas, servidos em pratos de sobremesa e acompanhados de refrigerantes.

Organizaram o espaço e esperaram seus mestres com entusiasmo e nervosismo e o resultado não poderia ter sido melhor. O encantamento da aprendizagem, o orgulho de sua produção e seu protagonismo era visível em cada rosto naquele dia.

## Referências



Alves, R. (2004): **Asas ou Gaiolas. A Arte do Voo ou a busca da Alegria de Aprender**, Asa Editores, Porto.

BECKER, Fernando. **A origem do conhecimento e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DA SILVA MOURA, Anabela. **Identificação e análise de atitudes de professores de arte portugueses sobre racismo, etnicidade e pluralismo cultural**. Revista Evidência, v. 9, n. 9, 2013.

DE CARVALHO ROCHA, Rosa Margarida. **A pedagogia da tradição: as dimensões do ensinar e do aprender no cotidiano das comunidades afro-brasileiras**. Revista Paidéia, v. 11, n. 11, 2011.

D'ALVA, Roberta Estrela. 2014. **Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC**. São Paulo: Perspectiva

IBGE, CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características da população e dos domicílios: resultados do universo**. Rio de Janeiro, 2011.

SOARES, Mei Hua. **A literatura marginal-periférica na escola**. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

**Sites:** <https://www.letras.mus.br/projota/o-homem-que-nao-tinha-nada/> Acesso em 20/05/2019 as 15 horas